



ORIENTE MÉDIO

Donald Trump vai ao encontro do colega Xi Jinping sem ter conseguido resolver o conflito iniciado há mais de dois meses com o Irã. Afetado pelo impacto nos preços do petróleo, o regime de Pequim pode ser a chave para um acordo com Teerã

Greg Baker/AFP

Guerra sobre a mesa na China



Avião militar dos EUA pousa em Pequim, às vésperas da cúpula: Pequim no caminho da solução para o conflito

» SILVIO QUEIROZ

Donald Trump finaliza os preparativos para embarcar amanhã rumo a Pequim sem incluir na bagagem o item que chegou a mencionar, na última semana, como talvez o mais precioso, de um ponto de vista imediato: um acordo para encerrar a guerra no Oriente Médio, iniciada em 28 de fevereiro com bombardeios ao Irã, coordenados com Israel. A China, embora tenha mantido postura diplomática discreta, dá sinais de crescente incômodo com o prolongamento do conflito, em particular com o bloqueio do estratégico Estreito de Ormuz, via marítima crítica para o transporte de petróleo.

Um cessar-fogo em vigor desde 8 de abril estancou os primeiros 40 dias de confrontos, com a troca diárias de ataques com mísseis e drones, mas desde então Irã e Estados Unidos mantêm um bloqueio naval recíproco que mantém as cotações do petróleo no patamar de US\$ 100 por barril. O mercado ensaiou recuos nas idas e vindas de um processo indireto de negociações mediado pelo Paquistão, mas voltou a sinalizar pessimismo, ontem, depois que o presidente norte-americano classificou como "totalmente inaceitável" a resposta de Teerã a sua oferta mais recente para um acordo de paz.

Depois de ter publicado sua reação na própria plataforma, a Truth Social, Trump advertiu, falando à imprensa na Casa Branca, que o cessar-fogo com o Irã está "em estado crítico, incrivelmente enfraquecido". Comparou a situação a "quando o médico entra (no quarto do paciente) e diz: 'Senhor, seu ente querido tem exatamente 1% de chance de sobreviver'". Mais tarde, falando por telefone à emissora Fox News, o presidente acenou mais uma vez com a retomada da operação militar de escolta de navios

SURTO DE HANTAVÍRUS

Especialistas questionam gestão da crise sanitária

Concluída ontem a retirada dos passageiros a bordo do cruzeiro atingido por um surto de hantavírus, as presidentes de um painel de especialistas independentes solicitaram que seja examinada a gestão da crise entre 11 de abril, quando foi registrado o primeiro óbito no navio MV Hondius, e 2 de maio, quando a situação foi informada à Organização Mundial de Saúde (OMS).

A embarcação, que partiu em 1º de abril de Ushuaia, no extremo sul da Argentina, rumo a Cabo Verde, arquipélago na costa atlântica da África, está sob atenção internacional desde que foi detectado o surto, que causou a morte de três pessoas. Helen Clark, ex-primeira-ministra da Nova Zelândia, e Ellen Johnson Sirleaf, ex-presidente da Libéria, presidem um grupo de especialistas independentes para preparação e resposta a pandemias. Em 2020, essa junta recebeu da OMS a tarefa de avaliar a resposta internacional à covid-19. Em um comunicado, as especialistas indicaram que "deve ser analisada a cadeia de acontecimentos e de

Duas perguntas para

GUNTHER RUZIT, PROFESSOR DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA ESPN

O desgaste dos EUA com o Irã, de alguma maneira, beneficia a China?

Sem dúvida alguma, a China saiu fortalecida dessa guerra, já que, em termos diplomáticos, os EUA se enfraqueceram, se isolaram mais ainda de vários dos seus aliados, principalmente os europeus. E se enfraqueceu a relação com a Arábia Saudita, que percebeu que a capacidade militar americana não é suficiente para impedir o Irã de impor danos profundos às economias das monarquias.

Isso sugere que a China vê o caminho aberto para seus planos de expansão da influência global, via Rota da Seda?

Não é caminho aberto. Afinal de contas, a Índia, por exemplo, não aderiu e



Arquivo Pessoal

não vai aderir. Mas, com certeza, essa guerra ajudou no mínimo a enfraquecer a influência americana no Oriente Médio e mesmo na Ásia.

mercantes em Ormuz, lançada na segunda-feira passada, mas suspensa abruptamente no dia seguinte, depois de uma sequência de escaramuças com as forças iranianas.

"Moderados e malucos"

Sob crescente questionamento doméstico, com a guerra avançando pelo terceiro mês sem sinal de solução à vista — seja por um acordo, seja pela imposição militar clara —, Trump descartou a ideia de um recuo dos EUA. "Vamos alcançar a vitória total", insistiu, para em seguida afirmar que o Irã "se engana" se pensa que ele se sente "sob pressão". Em uma análise ao

seu estilo, descreveu uma divisão no comando iraniano entre "moderados e malucos". "Os malucos querem lutar até o fim, mas será uma luta muito rápida", resumiu.

Em resposta indireta, o presidente do parlamento iraniano, Mohammad Bagher Ghalibaf, que chegou a participar de uma rodada frustrada de negociações com emissários dos EUA, no Paquistão, escreveu na rede social X que a República Islâmica não teme a retomada plena das hostilidades. "Nossas forças armadas estão prontas para responder e infligir uma lição a qualquer agressão", postou, com uma advertência aos adversários: "Terão uma surpresa".

Antonio Sempere/AFP



Passageiro do navio de cruzeiro afetado é embarcado em Tenerife, com destino aos Países Baixos: OMS estuda procedimentos

Países Baixos, encerrando, assim, o dispositivo de retirada iniciado no domingo, constataram jornalistas da agência de notícias France-Presse. O avião decolou

por volta das 15h45 (horário de Brasília). Pouco antes, outra aeronave tinha partido com o mesmo destino.

No total, 27 passageiros e tripulantes

desembarcaram ontem, antes de o navio zarpar para os Países Baixos com 27 tripulantes, informou a ministra da Saúde espanhola, Mónica García.

Correndo por fora

O impasse militar e diplomático no Golfo Pérsico coloca Trump em posição de desvantagem no encontro bilateral que terá, amanhã e depois, com o presidente da China, Xi Jinping, avalia o professor de relações internacionais da ESPN Gunther Ruzit. "Quem pode conseguir efetivamente pressionar o Irã a aceitar um acordo de paz é Pequim, que hoje importa 90% do petróleo que o Irã exporta", disse o estudioso, em entrevista ao **Correio**. "Se até agora houve esse prolongamento do conflito, é também porque é do interesse chinês enfraquecer o governo americano", arisca.

Ruzit acredita que o virtual empate com o regime islâmico no terreno militar, depois de mais de 70 dias, "enfraqueceu muito a capacidade americana de lutar uma guerra até no curto e médio prazo, pelo gasto de mísseis de reserva estratégica que os EUA tinham". Mais importante, o andamento do conflito abala as convicções em uma supremacia bélica norte-americana indisputável. "A guerra mostrou que, definitivamente, com uma estratégia não convencional, o Irã caminha para derrotar os EUA."

Para Pequim, segundo o professor da ESPN, assistir de camarote ao conflito permitiu uma posição vantajosa para acelerar o processo de descarbonização da economia, compreendido pelo governo como "essencial". "Essa guerra só não está afetando mais profundamente o país porque a China aumentou muito as reservas estratégicas", explica. Ruzit lembra que a invasão da Venezuela, no início do ano, e o controle da atividade petrolífera no país sul-americano pelos EUA colocaram Xi e sua equipe em alerta. "Ficou explícito que, com a perda da Venezuela e a possibilidade de perder também o Irã, como fornecedor, a China não pode continuar dependente da importação de petróleo."

Europa sanciona colonos judeus

Os ministros das Relações Exteriores dos 27 países-membros da União Europeia (UE) aprovaram ontem novas sanções contra colonos israelenses extremistas pela violência contra a população palestina no território ocupado da Cisjordânia, depois de o novo governo da Hungria concordar com a medida e pôr fim a meses de impasse.

"Está feito. A UE sanciona as principais organizações israelenses culpadas de apoiar a colonização extremista e violenta da Cisjordânia, assim como seus líderes", anunciou nas redes sociais o chanceler francês, Jean-Noël Barrot. "Esses atos extremamente graves e intoleráveis devem cessar imediatamente", acrescentou.

A decisão teve pronta resposta do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, que desde 2022 regularizou em massa novos assentamentos judaicos no território. Desde o ataque do movimento extremista Hamas a Israel, em outubro de 2023, que deixou mais de 1.300 mortos, o revide de Netanyahu matou mais de 72 mil palestinos na Faixa de Gaza. Paralelamente, os colonos judeus na Cisjordânia multiplicaram a invasão de vilarejos árabes e a destruição de plantações, criações e moradias, com saldo de mais de 1.200 mortes.

"Israel e EUA estão 'fazendo o trabalho' sujo pela Europa, ao lutarem pela civilização contra os jihadistas, enquanto a UE deixa evidente sua falência moral, ao equiparar cidadãos de Israel e terroristas do Hamas", escreveu Netanyahu no X.